

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA¹

Adivânia Franca de Moura
UFPB/PROLING
adivaniafm@yahoo.com.br

Maria Alba Silva Cavalcante
UFPB/PROLING
albaletas@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo traz algumas discussões acerca da teoria interacionista de Vygotsky e a contribuição de outros teóricos nessa linha de estudos para aquisição da escrita. Pretende-se em princípio discutir a aquisição da escrita ligada a realização da fala e do diálogo entre os sujeitos da comunicação. Partimos do pressuposto de que a escrita está intimamente ligada ao processo da comunicação e esta com o indivíduo que fala e que escreve ao mesmo tempo que se relaciona com o outro em sua volta. Dessa forma, pretendemos esclarecer algumas teorias dentro do sociointeracionismo ligada a aquisição da fala e da escrita pela criança e, com isso, trazer a ideia de subjetividade e intersubjetividade da escrita. Para a ideia de ensino da escrita, apresentaremos as propostas contidas no Referencial da Linguagem oral e da Escrita da Criança, no qual ele lança mão da teoria interacionista para o ensino de língua materna e a relação entre o ensino da escrita partindo da fala da criança. Apresentaremos também alguns dados sobre a noção de erro contido nos textos de crianças em fase de alfabetização e como esses erros podem ser trabalhados pelo professor, à medida que a criança adquire a escrita.

PALAVRAS- CHAVE: aquisição da escrita; sociointeracionismo; ensino da língua escrita

ABSTRACT: This article offers some discussion on the interactionist theory of Vygotsky and the contribution of other theorists in this line of study for acquisition of writing. It is intended in principle to discuss the acquisition of writing on the performance of speech and dialogue between the subject of communication. Assuming that the writing is closely linked to the process of communication and with the individual who speaks and writes that while it is connected to the other in his back. Thus, we clarify some theories within the sociointeracionismo on the acquisition of speech and writing by the child and thereby bring the idea of subjectivity and intersubjectivity of writing. For aa idea of teaching of writing, presenting the proposals contained in the list of Oral and Written Language of the Child, in which he makes use of the interactionist theory to the teaching of language and the relationship between the teaching of writing from the speech of the child. Also presents data on the concept of error contained in the texts of children in the process of literacy and how these errors can be worked by the teacher as the child acquires the writing.

KEY- WORDS: acquisition of writing; sociointeracionismo; teaching of written language

¹ Trabalho final da disciplina Fundamentos em Aquisição da Linguagem, ministrada pela Prof^ª. Dr^ª. Evangelina Brito Faria do Programa de Pós-graduação em Linguística – UFPB.

INTRODUÇÃO

Desde os primeiros meses de vida, a criança já se vê rodeada de falares, de tentativas de conversas por parte dos pais com a mesma. A língua utilizada pelo adulto com a criança nesse estágio da vida costuma ser chamada de “manhês”, pois segundo alguns teóricos, o uso da língua nessa fase é repleta de entonação exagerada, reduplicações de sílabas e frases curtas. Por um pequeno período, a criança intermedia a sua comunicação com o adulto por meio do choro e do balbucio, como tentativa de estabelecer esse primeiro nível da comunicação.

Partindo da teoria interacionista de Vygotsky (1984) em sua obra “A Formação Social da Mente”, no qual é estabelecido o primeiro contato entre a criança e mãe como algo fundamental para o desenvolvimento da fala na criança, uma vez que é através da sua interação com o mundo que a criança vai percebendo a linguagem e sua relação com os objetos e com o outro com o qual interage. Vygotsky argumenta que a criança vai internalizando as palavras da sua língua por intermédio da troca de informações entre adultos e outras crianças, porque sozinha ela não seria capaz de adquirir a linguagem. Nessa perspectiva, a criança é vista como sujeito ativo que constrói o seu conhecimento pela mediação do outro. Essa teoria também vem marcada pela ideia do processo dialógico entre a mãe e a criança. Segundo Del Ré (2006):

A linguagem é uma atividade constitutiva do conhecimento do mundo pela criança, é onde ela se constrói como sujeito e por meio da qual ela segmenta e incorpora o conhecimento do mundo e do outro. (DEL RÉ, 2006:.26.)

Partimos do pressuposto de que a linguagem é uma atividade social e que a sua relação com o outro contribui no processo de aquisição da linguagem e, conseqüentemente, na aquisição da escrita. A respeito da linguagem natural, Tomasello (2003) afirma que ela é uma instituição social simbolicamente incorporada que surgiu historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes. Nessa afirmação o próprio autor já atribui o caráter sociocultural da linguagem humana e reivindica a sua origem na comunicação. Ele acrescenta que “*para compreender e ser compreendida, é necessário que a criança entenda o propósito da comunicação (intenção comunicativa) dentro de uma ação conjunta*”. (TOMASELLO, 2003, p. 34-135).

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

Nesse processo, a criança adquire a língua, de forma que seu entendimento sobre a linguagem envolve o contexto e, conseqüentemente, a sua concretização na fala. Diferente da abordagem interacionista, o linguísta Noam Chomsky (2006) tentava mostrar através de seus estudos sobre cognição e aquisição da linguagem que os seres humanos não aprendem a linguagem através das interações com o meio social, uma vez que, segundo ele, nós já nascemos dotados dessa capacidade e isso se deve ao fato de que nós possuímos uma gramática universal previamente estruturada em nossa mente e, dependendo do meio em que a criança estiver inserida, ela irá desenvolver determinada linguagem. Nessa teoria, Chomsky (2006) propõe um estudo linguístico voltado para o inatismo em que os seres humanos se diferenciam dos outros animais por possuir um dispositivo biológico pronto para desenvolver qualquer língua. Essa visão é oposta a do interacionismo, que percebe a linguagem humana como um ato social.

Todo esse processo de aquisição da fala é importante para compreendermos como se dá a aquisição da escrita pela criança, seguindo o pressuposto de Vygostsky de que a fala abre os caminhos para o desenvolvimento do pensamento, sendo que isso ocorre em consonância com o meio social; conseqüentemente a criança que desenvolve bem a sua linguagem oral, adquire mais rápido a escrita, uma vez que essa última compreende ao nível abstrato da linguagem. Esse autor afirma que o papel da linguagem é fundamental para a formação cognitiva da criança, porque ela não capacita a criança apenas para desenvolver os mecanismos intelectuais relacionados à fala, mas também auxilia a perceber o mundo. Com a ajuda da percepção, a criança atinge formas mais complexas da sua cognição.

O *Referencial curricular nacional para a educação infantil – volume 3* da linguagem apresenta uma proposta de trabalho em sala de aula baseada na interação, de modo a destacar o papel da linguagem oral no processo de letramento e de ensino da escrita. É necessário partir do princípio de que o aluno antes de decodificar os sinais gráficos, já possui um vasto vocabulário e que a criança já consegue, de certa forma, refletir sobre a própria linguagem, o que ela ainda não faz é a sua abstração na escrita. Ainda no Referencial (1998), a proposta de ensino da escrita considera que a aprendizagem da linguagem escrita está associada ao contato com vários textos, para que assim, a criança construa sua capacidade de abstração e às práticas da escrita:

Aprender uma língua não é somente aprender as palavras, mas também os seus significados culturais, e com, eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio sociocultural entendem, interpretam e representam a realidade (REFERENCIAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL – Vol. 3. 1998: 117)

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

1. A REALIZAÇÃO DA FALA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Em se tratando da realização da fala e da escrita, entendemos que essas duas instâncias estão intimamente ligadas uma à outra, porém, com realizações distintas. No processo de aquisição da fala, a criança realiza um processo em que a linguagem se percebe de maneira concreta, em que a mesma compreende o seu uso no ato da comunicação, de acordo com a sua necessidade e uso. Já na escrita, processo em que a criança precisa abstrair os símbolos concretos em símbolos gráficos, pode-se dizer que a escrita ela é a abstração desse concreto e que isso ocorre com maior facilidade em contextos de interação com o outro. A ideia de que a criança parte do concreto para o abstrato é perceptível quando elas usam a imagem vinculada ao texto escrito, de modo que o desenho, a figura, por exemplo, completam o sentido que se pretende expressar com aquilo que está escrito em um primeiro momento. Segundo Vygostsky a ideia de simbologia e do imaginário na criança é importante para a sua formação enquanto escritora, e como a escrita está em um nível mais abstrato, ela pode adquiri-la com maior facilidade quando desde cedo brinca com a simbologia nas mais diversas situações que envolvem brincadeiras e jogos.

Marcushi (2008), a respeito da fala e da escrita, diz que essas duas formas de realização da língua devem não devem ser percebidas como duas formas dicotômicas, sendo que existem práticas sociais mediadas preferencialmente pela escrita e outras pela tradição oral Marcushi (2008:37) acrescenta:

As diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois pólos opostos. (MARCUSHI, 2008:37)

No ensino da língua escrita, é necessário levar em conta que essa realização não deve ocorrer isoladamente do seu contexto de produção e nem deve excluir dela os seus interactantes. A escrita só significa em determinado contexto. Dessa forma, é necessário que o professor leve em conta que ao tentar ensinar as unidades mínimas da língua, ele deveria antes de tudo, considerar que o aluno traz consigo um conhecimento prévio sobre a linguagem e que o mesmo já reflete os seus usos. Nesse âmbito, muitos estudos na área de aquisição da escrita demonstram que em atividades escolares de produção textual que envolvem a interação com outras crianças torna o aprendizado da escrita mais fácil e a sua escrita ganha sentido, à medida que elas, as crianças, dialogam com outras crianças. Dessa forma, as crianças que trabalham juntas na escola ou em grupo, exercem influências mútuas. É graças a

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

essa relação do indivíduo com o meio que o seu texto encontra significado e determinada finalidade, tornando o aprendizado da escrita algo prazeroso.

A realização da escrita e da oralidade costuma se fazer presente em muitas instâncias da sociedade. Assim, segundo alguns estudiosos, aquelas criança que conseguem estabelecer um grau de comunicação maior entre ela e o outro, consegue abstrair a escrita com maior facilidade, uma vez que esse processo de interação permite ao indivíduo elaborar uma linguagem mais ativa e, de certa forma, mais simbólica comparada às crianças que são mais tímidas. Além disso, deve-se levar em conta que os indivíduos que são inseridos desde cedo no mundo letrado conseguem perceber a funcionalidade da escrita em diferentes instâncias, conseqüentemente, a mesma passa refletir com maior frequência sobre o significado da escrita. Daí a necessidade de o professor intervir, mostrando a criança onde cada uma dessas realizações da língua se faz presente na sociedade.

Porém, estar inserido em um mundo letrado não é o suficiente para garantir a aquisição da escrita pela criança. Nesse sentido, cabe destacar que, no processo de alfabetização, o professor deve atuar como uma espécie de mediador na fase de aquisição da escrita, já que o mesmo deve intervir no que Vygotsky vai chamar de Zona de desenvolvimento proximal. Essa zona compreende à instância média entre o nível atual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade atual de resolver problemas individualmente e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com os pares mais capazes. Neste sentido compreendemos como o professor deve atuar nessa zona de desenvolvimento no processo de aquisição da escrita, percebendo que o erro na escrita é um fator importante para que o professor mediador saiba intervir ao invés de simplesmente punir.

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

2. O “ERRO” COMO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA: A AÇÃO MEDIADORA DO PROFESSOR

Na perspectiva tradicional, o ensino da escrita é dissociado da oralidade, a escrita é ensinada fora de contextos significativos para os aprendizes e de forma individual, sendo cada indivíduo autor de seu próprio texto². Essa postura, típica da escola por ser o lugar de transmissão do conhecimento formalizado, traz sérias conseqüências para o processo de ensino-aprendizagem: as atividades que envolvem a escrita tornam-se mecânicas, o professor é visto como o agente transmissor que dita as regras do certo e do errado e o erro é considerado como um retardo dos processos cognitivos do aluno.

De acordo com a perspectiva interacionista nos parâmetros vygotskyanos, o desenvolvimento do conhecimento humano ocorre de forma coletiva, o erro é entendido como um processo de constituição do saber pelo aluno e o professor é um mediador desse processo. A partir dessa concepção, os erros ortográficos cometidos pelos alunos em fase de alfabetização devem ser compreendidos como parte de um processo de elaboração de hipóteses, haja vista que os falantes da língua materna ainda não sabem escrever conforme os padrões normativos, e por isso estabelecem trocas entre diversas formas gráficas que representam de modo convencional os sons da fala. Nos textos dos alunos a seguir produzidos por Maria Clara e Adriano, ambos com 6 anos e alunos de escola particular em fase de alfabetização, podemos observar essa escrita fora dos padrões da gramática normativa que revelam o processo de constituição da língua escrita pelas crianças.

Ao ler os textos atentamente, constatamos que as crianças conseguem construir os gêneros *convite* e *relato* conforme os padrões dos gêneros textuais em questão. Acerca do convite, Maria Clara dispõe a abertura do texto invocando os pais, separa esse vocativo do assunto do convite e finaliza colocando seu nome que, conforme Teberosky (1997: 153), serve “*para marcar a presença pessoal do autor do texto*”. No segundo gênero, respectivamente, a criança inscreve o título da sua história, estrutura o seu texto em começo, meio e fim, finaliza-o com a palavra *fim* e completa a narrativa com um desenho acompanhado de um diálogo entre os personagens.

² Leia mais sobre este assunto em: FARIA, Evangelina M. B. (org). As diversas linguagens na Educação Infantil. João Pessoa, Ed. Da UFPB, 2009

mamãe Papai
21/06
mamãe Cere cere da Para a miãfeta
vate agradeço vate cagica milo r. f. r. r. r. r. r.
Instituto Mundo da Imaginação
mari clara Rodrigues da Silva

Texto 1- gênero Convite

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010



O NASIMENTO

EU FUI NO RACHO VER
 OS PATINHOS DEREPENTE
 CE UM OMEI MI PERGOUTOU
 SI EU CERIA UM DOS PATINHOS
 EU DISE SI FIM

16, 4, 2009

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

Apesar dessa organização textual, as crianças fazem a troca de letras na escrita das palavras. No texto de Maria Clara há a escrita do *c* no lugar do grupo *qu* em *ceró*, *mia* por *minha*, *festia* por *festa*, *vaic* por *vai ser*, *legao* por *legal*, *cangica* por *canjica*, *nilo* por *milho* e *i* pela conjunção *e*. O texto produzido por Adriano, o gênero relato, também contém a troca de letras na constituição das palavras: *nasimemto* por *nascimento*, *racho* por *rancho*, *deferente* por *diferente* (sem a concordância de plural com a palavra anterior), *omei* por *homem*, *ceria* por *seria*, *dise* por *disse* e *si* por *sim*. É importante destacar também a semelhança da escrita das palavras com a oralidade tanto pela analogia aos sons da fala como pela falta de segmentação das palavras.

Diante desse quadro, o professor deve acompanhar esses erros ortográficos não conforme a noção de erro da gramática normativa, mas como um processo de elaboração da escrita³. Nas palavras destacadas dos textos produzidos pelas crianças mencionadas, essa construção da escrita é evidente como, por exemplo, na substituição das nasais em *mia*, *festia*, *omei* e na troca do *c* pelo grupo *qu* ou pela letra *s* como é o caso de *ceria*. Os conglomerados gráficos também são outra marca desse processo: *miafetia* (minha festinha), *vaiclegao* (vai ser legal) e *iteipipoca* (e ter pipoca). Conforme Alves (2007: 58):

Quando a Criança escreve palavras apresentando alguns desvios do tipo transcrição de fala, como, por exemplo: tivesse (estivesse), padero (padeiro), broco (bloco), bruza (blusa); ela está mantendo a hipótese de uma correlação estreita entre a fala e a escrita, que é um momento transitório próprio do processo de alfabetização. Alguns desses desvios são mais estigmatizados que outros, soando como identificadores das classes desfavorecidas, gerando a discriminação e preconceito.

Segundo Zorzi (1998), trata-se de período de proximidade com a oralidade, a qual ocorre porque o uso oral proporciona a origem da escrita e que, por tempo, os conhecimentos orais serão assimilados na construção desta. Os erros, como os ocorridos nos textos referidos acima, são para o autor uma tendência das crianças no processo de aquisição da escrita e não são considerados como uma dificuldade particular delas. As crianças buscam compreender os jogos de representação da escrita que são construídos pelas hipóteses formuladas e não por uma aprendizagem automática ou de memorização, uma vez que estão inseridas no processo de desenvolvimento da linguagem⁴. De acordo com Zorzi (1998: 95):

³ Estudos atuais sobre este tema podem ser encontrados em: ABAURRE, M. B. M. . Dados de aquisição da escrita: considerações a respeito de indícios, hipóteses e provas 2007

⁴ Outras leituras sobre esse assunto podem ser vistas em: ZORZI, J. L. . Desenvolvimento da Linguagem Infantil. Revista Aprendizagem, v. 2, p. 40-41, 2008.

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

(...) as crianças constroem hipóteses a respeito da escrita. Isto quer dizer que elas buscam compreender as regras do jogo, ao contrário do que se pensou acerca da aprendizagem mecânica por automatização e memorização. Tais hipóteses servem como referência, isto é, são geradoras no sentido de que determinam os modos de proceder e de produzir escrita em um determinado momento. (ZORZI, 1998: 95)

Assim, as distorções dos padrões da escrita apresentadas pelas crianças não podem ser desprezadas ou criticadas. Isso não significa dizer que esses “erros” não precisam ser destacados na sala de aula pelo professor, este deve agir como um mediador nas etapas de construção de aquisição da escrita. O professor facilitador pode trabalhá-los com atividades dinâmicas espontâneas que envolvam a língua materna em funcionamento e que sejam significativas para as crianças. A oralidade deve ser levada em consideração nesse processo, pois a escrita só tem sentido a partir da fala. Essas duas formas de linguagem não podem ser separadas no ensino como uma dicotomia, mas como um contínuo de usos diferentes.

Para o desenvolvimento dessas atividades com a escrita, o professor precisa conhecer o nível de aprendizagem dos alunos para não repetir apenas o que eles já sabem, para que a partir disso, aponte para a criança o que ela ainda não conseguiu abstrair.

Vygotsky (1984) afirma que o adulto deve atuar no nível de aprendizagem que ele denomina *Zona de Desenvolvimento Proximal* que está entre o que a criança já sabe e o que ela está em potencial de aprender. Para o autor, a atuação do adulto neste nível de aprendizagem da criança é fundamental para o aprendizado desta. E acrescenta que “*numa atividade coletiva ou sob orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas.*” Vygotsky (1984: 99). Teberosky (1987: 25) com base nestes pressupostos de Vygotsky sobre os trabalhos em grupo escolar formados por crianças afirma:

(...) não apenas podem estabelecer intercâmbios com adultos ou com crianças maiores ou menores – tal como lhes permite o âmbito familiar -, mas fundamentalmente com outros pares, que se encontram na mesma situação; que possuem interesses, conhecimentos e necessidades que podem ser compartilhados. Quer dizer que trata-se de um bom lugar para praticar a socialização, em seu sentido mais amplo. Essa situação privilegiada pode ser aproveitada para que as crianças compartilhem entre si o processo de compreensão da escrita, através de seus intercâmbios. (TEBEROSKY 1987: 125)

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

A criança necessita da intervenção do adulto na resolução de problemas para entender como funciona o sistema de sua língua e desenvolver essa habilidade comunicativa para ir além do que já aprendeu⁵. Todavia, como apontam os teóricos mencionados, se dispostas sob orientação do professor, as crianças podem compreender melhor o que ainda não sabem acerca do funcionamento da escrita devido ao intercâmbio com outras crianças. Dessa forma, a escola se torna um lugar privilegiado para socialização e desenvolvimento da escrita. É importante destacar que o professor deve organizar as crianças levando em conta a heterogeneidade no grupo para que as trocas sejam produtivas. Nessa prática, antes do ensino da linguagem escrita propriamente dita, o professor não pode desconsiderar o conhecimento lingüístico prévio que essas crianças trazem para escola, pois antes do contato com o ensino sistematizado da língua, elas já realizam reflexões sobre seu uso no seu cotidiano.

Ao trabalhar nessa perspectiva interacionista, o professor poderá buscar orientação em livros ou revistas direcionadas ao assunto, como também os referenciais de educação pedagógica. O Referencial curricular nacional para a educação infantil – volume 3, por exemplo, traz importantes diretrizes para ensino de língua materna das quais este trabalho destaca: a associação entre oralidade e escrita, a intervenção do professor mediador, as atividades em grupo, prática de leitura e escrita de diversos gêneros e etc. A respeito deste último aspecto mencionado, o Referencial curricular nacional para a educação infantil indica que:

a aprendizagem da linguagem escrita está intrinsecamente associada ao contato com textos diversos para que as crianças possam construir sua capacidade de ler, e as práticas de escrita, para que possam desenvolver a capacidade de escrever autonomamente. (REFERENCIAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL – Vol. 3. 1998: 128)

A partir desses pressupostos, os erros ortográficos apresentados nas produções textuais de crianças como Maria Clara e Adriano podem ser trabalhados pelo professor, de forma que as crianças possam refletir sobre a sua escrita. Em grupos, as crianças podem auxiliar umas as outras na troca ou na omissão das letras, dessa maneira, realizam suas hipóteses acerca da representação das palavras. É neste momento de interação em que ocorrem as trocas ortográficas que o professor deve interferir, indicando o contexto de escrita das palavras, apontando quando o aluno não deve usar determinadas letras para um som específico, a fim

⁵ Ver mais sobre o assunto em: TEBEROSKY, Ana. Psicopedagogia da linguagem escrita. 14ª ed. Petrópolis-RJ. Vozes, 2009. Nesta obra, a autora tem como objetivo ajudar o professor na interpretação das respostas dos alunos e na programação de situações de aprendizagem

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

de que criança consiga assimilar com mais facilidade as representações múltiplas desses sons na escrita. Segundo Zorzi (1998), esse processo de assimilação das representações múltiplas dos sons na escrita é o mais complexo para as crianças em fase de alfabetização, logo os erros ortográficos não podem ser considerados como equívocos ou falta de compreensão da língua.

O uso de gêneros orais e escritos também devem ser usados pelo professor como uma forma de compreensão do funcionamento da escrita, pois as crianças organizam seus textos escritos através do desenvolvimento da fala. O trabalho com uma variedade de textos num contexto que destaque a função comunicativa destes e que tenha sentido para o aluno, não só ajuda no desenvolvimento da escrita como contribui para a elaboração desses textos. Dessa forma, alguns aspectos como a inserção do nome da escola no gênero convite elaborado por Maria Clara, a organização do espaço de escrita no papel e os desenhos encontrados no *Relato* produzido por Adriano, podem ser trabalhados quanto à sua inscrição e pertinência nos gêneros textuais escritos. Esse trabalho pode ocorrer através de atividades dinâmicas que valorizem a constituição do texto a partir da interação com o outro e o autor do texto como sujeito ativo de sua aprendizagem.

Outra prática que auxilia na compreensão da língua como processo é a reescrita dos textos elaborados pelas crianças. O Referencial nacional para a educação infantil (1998) entre suas várias diretrizes, propõe ainda que a atividade de reescrita dos textos dos aprendizes feita com a colaboração do professor e demais crianças, faz com que a criança entenda a escrita como processo. Isto também ajuda na coordenação do papel da criança como leitor e produtor de textos:

A reelaboração dos textos produzidos, realizada coletivamente com o apoio do professor, faz com que a criança comece a conceber a escrita como processo, começando a coordenar os papéis de produtor e leitor a partir da intervenção do professor ou da parceria com outra criança durante o processo de produção. As crianças e o professor podem tentar melhorar o texto, acrescentando, retirando, deslocando ou transformando alguns trechos com o objetivo de torná-lo mais legível para leitor, mais claro e agradável de ler. (REFERENCIAL NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998: 146-147)

Esse interacionismo não exclui de forma alguma a autoridade do professor, mas enfatiza a sua mediação na assimilação dos conhecimentos acerca da língua materna por parte das crianças. Reforça ainda a idéia de que na aquisição da escrita as crianças não cometem erros, porque são falantes nativos, assim como afirma Cagliari (2002: 35), “*um falante nativo não comete erros lingüísticos a não ser em situações raríssimas*”, porém os corrigem quando

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

percebem que erraram. Sendo assim, apenas estão formulando suas hipóteses e esta riqueza de dados não podem ser tratadas com desprezo ou ser motivo de críticas destrutivas, mas superadas com o auxílio do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva interacionista traz a interação social como condição fundamental para o desenvolvimento do conhecimento humano. Em oposição ao inatismo de Chomsky (2006), os interacionistas destacam que não basta ter a capacidade de falar para a aquisição do conhecimento, pois as trocas realizadas entre os sujeitos interactantes são essenciais para a constituição da fala e conseqüentemente a organização do pensamento. Desde bebê, o homem realiza esse intercâmbio comunicativo com sua mãe, através desses momentos de interação começa a perceber a linguagem.

A fala possui um papel importante nesse processo de aquisição do conhecimento, haja vista que aquelas crianças que falam mais e conseguem interagir com as demais crianças logo conseguem compreender a sua língua materna e a fazer reflexões sobre o uso desta. Assim, a escola no ensino sistematizado da língua, deve aproveitar esse conhecimento internalizado que estas crianças possuem no ensino da linguagem escrita. Fala e escrita não podem está separadas no ensino formal da língua, porque não são dois processos distintos, possuem apenas usos em contextos diferentes. Oralidade e escrita são dependentes no processo de aquisição da escrita, pois a criança vai organizando seu pensamento a partir da fala.

Nesse processo de aquisição da linguagem escrita, a criança comete muitos “erros”, pois há associação imediata entre escrita e fala, assim como constatamos nos gêneros *Convite* e *Relato* produzidos por Maria Clara e Adriano. Isso ocorre por que estão no processo de elaboração de hipóteses sobre sua língua. Ao compreender a importância de avaliar os erros ortográficos das crianças como uma construção da escrita infantil, o professor poderá fazer a mediação entre a criança e o que ela ainda não aprendeu sem rechaçar ou criticar essas hipóteses lingüísticas de seus alunos.

A interação entre as crianças em grupos na sala de aula é importante para que juntas com o professor elas possam refletir sobre a língua que utilizam. Muitas são as atividades que o professor pode usar para a evolução da linguagem escrita, desde que sempre leve em consideração o papel do outro e do sujeito como elemento ativo de sua aprendizagem. Essa prática interativa permite que as crianças evoluam e, para isso, o auxílio do professor e das

Volume 5 - Número 1 - jan/jul de 2010

outras crianças são fundamentais para que elas possam enfrentar os desafios existentes na representação da escrita.

REFERÊNCIAS

ALVES, Iana Maria de Carvalho. *Aquisição da Linguagem escrita: o natural e o inesperado*. João Pessoa, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Editora Scipione, 2002.

CHOMSKY, Noam. *Sobre a natureza da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DEL RÉ, Alexandra (org.). *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSHI, Luiz Antônio. *Da Fala para Escrita: atividades de retextualização*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Construção de escritas através da interação grupal*. In: Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas. FERREIRO, Emília. PALÁCIO, Margarita. (orgs). Trad. Luiza Maria Silveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

TOMASELLO, Michael. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*; Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003

VYGOTSKY. L. S. *A Formação Social da Mente*; Trad. José Cippola Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afecche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.